

Por que cinema?



Relato sobre o encontro com o cinema e sobre as possibilidades criadas pela identificação de que era possível fazer parte dele

POR **JOELMA OLIVEIRA GONZAGA***

EU VENHO DE UMA FAMÍLIA de 14 irmãos, todos nascidos na Bahia, e de uma realidade muito pobre e dura. Na minha casa, como na maioria das casas dos moradores da favela de Pau da Lima, bairro de Salvador, não havia televisão. Por volta dos meus 8 ou 9 anos, minha irmã mais velha casou-se, foi morar numa casa próxima da minha e o marido dela comprou uma televisão usada. Foi ali que se deram meus primeiros contatos com o cinema – de uma forma muito estranha, pausada, rarefeita e, ao mesmo tempo, muito gostosa. Toda segunda-feira assistíamos ao Tela Quente, programa da Rede Globo que vinha depois da novela, por volta de 21h30.

Era nosso dia de assistir a filmes! Aos sábados, também tinha filme no Supercine, mas nosso pai estava em casa à noite e não nos deixava assistir. Para ele, se nossa casa não tinha televisão, então não tínhamos que ir na casa dos outros para assistir, mesmo que fosse na da nossa irmã. Durante o dia, estudávamos. Além do mais, mesmo se tivéssemos tempo para assistir TV durante o dia, não poderíamos porque existia uma cultura de deixar a TV desligada durante o dia para ela “durar mais tempo”. Então, segunda-feira era o nosso dia de assistir a filmes. Nós íamos à casa da nossa irmã escondidos.

Acontece que meu pai chegava do trabalho entre 23h e meia noite. Então, quase sempre só conseguíamos assistir até a penúltima parte do filme. Ele chegava sempre na última parte e era implacável: se nos pegasse lá ou nos batia ou ficávamos de castigo. Não podíamos arriscar. Dava a hora da chegada dele, corríamos para casa.

Para os meus irmãos, não saber o final dos filmes era uma tortura. Para mim, era um convite à minha imaginação. Na minha cabeça, os filmes poderiam ter qualquer final, eu inventava todos os tipos possíveis. Adorava. Era mágico.

Certa vez houve um acidente ou foi uma greve de ônibus, não lembro ao certo, e meu pai chegou em casa de madrugada. Assim, deu tempo de assistir ao filme de segunda-feira do começo ao fim: *Aliens, o resgate*. Para meus

irmãos foi o acontecimento do mês, do ano talvez. Para mim, uma frustração – foi muito sem graça assistir ao final de *Aliens* de imediato. Perdi toda aventura de criar o final na minha cabeça. Detestei.

Me dei conta, anos depois, que acertei os finais de vários filmes e, como boa leonina, preferia os que eu inventava.

Por volta dos meus 14 anos, fui morar com meus padrinhos. Eles tinham uma condição financeira um pouco melhor que a dos meus pais, o que significava ter uma TV usada que era dividida entre umas 10 pessoas. Sobrava para mim, às vezes, as madrugadas nos finais de semana. Em um sábado, a TV estava vaga à meia noite. Ao apagar as luzes da casa, corri para a sala e comecei a procurar filmes na programação.

Deparei-me com um amanhecer marcado por um tique-taque de relógios que me intrigou, seguido do despertar dolorido da personagem da atriz Harriet Andersson que padecia de câncer. O filme era *Gritos e sussurros*, de Ingmar Bergman. O rosto dela tomando toda tela da TV naquela expressão de dor me impactou de tal maneira que eu não conseguia me mover, não piscava, não cochilava, apesar de estar com sono. Um nó na garganta crescia a todo tempo. Era como se alguém meu estivesse doente também e eu tinha que estar perto, cuidando, presente, mesmo que sofrendo.

Tudo naquele filme ficou em mim por muitos anos. Foi a primeira vez que senti tanta dor num filme. Como era possível que o suspiro da morte de Agnes (Harriet Andersson) pudesse me angustiar tanto e por tanto tempo? Minha vontade era de acordar a casa inteira, queria conversar com alguém. Queria chorar com alguém. Como era possível que todos estivessem dormindo tranquilamente enquanto existia aquele tipo de dor no mundo. E como ela (eu achava que Ingmar Bergman era uma mulher) tinha conseguido colocar tanta dor naquele filme.

Eu via os filmes da Sessão da Tarde, Tela Quente, e sim, eles me emocionavam. Mas tudo ficava por ali, era um so-

frimento “bom”, passageiro. Não sentia como se pudesse ser a vida real. Como se pudesse ser minha vida. Não se estendia. Eu chorava com esses filmes, mas era como se a trilha sonora bonitinha me dissesse: olha, agora é hora de chorar. *Gritos e sussurros* foi o oposto disso: impactante e arrebatador. Era um filme que trazia dor, sufocamento, desconcerto. Me provocava a pensar na minha família, na minha vida. Me provocava a pensar na morte, no fim. E se minha mãe ficasse doente?

Sem contar que foi a primeira vez que assisti a um filme com tantas mulheres, e tudo era sobre elas: suas vidas, suas dores, suas alegrias. Tinha todo aquele vermelho, aqueles closes nos rostos, muitos silêncios em tela.

A partir desse filme, minha relação com o cinema mudou totalmente. Passei a procurar filmes que fossem diferentes, que me tirassem da órbita. Não era uma tarefa fácil, não existia televisão suficiente, não havia internet, não havia sequer locadoras de vídeos no meu bairro!

Foi com Ingmar Bergman que comecei a pensar em fazer cinema. Queria escrever e dirigir as histórias, mas não achava que era possível e nem tinha a menor perspectiva de como poderia ser, por isso, mantinha meu desejo em segredo.

Tanto a minha família quanto a de minha madrinha eram da cultura da novela, dos programas de auditório. Eu detestava todos. Achava um desperdício “gastar” a televisão com aquelas bobagens quando se podia gastar assistindo a filmes, descobrindo filmes. Ou, pelo menos, para ver esportes. Tentava, às vezes, assistir à novela, para estar perto, para fazer parte, mas não conseguia por muito tempo. As novelas, então, me ofendiam muito. Nunca tinha mulheres negras e, quando apareciam minimamente, elas eram as empregadas domésticas. Sem voz, sem vida, com falas circunscritas ao sim ou não. Passei anos tentando convencer todos a verem outras coisas. Nunca consegui. Me dei por vencida e segui sozinha na minha jornada em busca do cinema.



Lá pelos meus 17 anos assisti *Deus e o Diabo na terra do sol*. Foi quando um pouco de representação chegou até mim com força. A projeção do filme era precária, não lembro se era VHS ou U-Matic. Todos os presentes reclamavam. Já eu estava imersa, inundada, encantada com tudo daquele filme. Foi impactante saber que aquele filme foi feito ali na Bahia, pertinho de mim. Aquelas paisagens, aquelas pessoas, aquele sertão, apesar de todo sofrimento, era um mundo possível. Um povo possível. Diferente das novelas. Parecia vida real. Parecia com o que minha mãe contava da infância dela. E que coisa linda aquela correria de Manuel e Rosa pelo sertão que um dia poderia virar mar.

Ali nasceu a convicção de que eu podia fazer cinema. E a certeza de que iria.

Deus e o Diabo me trouxe uma inquietação das mais importantes da minha história com o cinema: onde estava a negritude e a América Latina nos filmes? Me fez perceber que todas as minhas referências cinematográficas eram masculinas e brancas: Ingmar Bergman, Martin Scorsese, Federico Fellini, dentre outros. Perceber isso me fez buscar referências africanas e latinas. Foi quando conheci o cinema de Ousmane Sembène, Tomás Gutierrez Alea, Zóximo Bulbul. Foi quando eu comecei a empoderar meu olhar e buscar o diverso, o cinema não europeu, um cinema que fosse negro, indígena e feminino.

Foi o cinema que me formou enquanto pessoa. Me trouxe criticidade acerca do meu mundo e do que eu esperava dele – o que ele era e como poderia ou deveria ser.

Já adulta e um pouco antes de me inserir no mercado de cinema, buscando referências de mulheres negras diretoras, e agora tendo o mundo da internet à mão, fui introjetada à vida da cineasta cubana Sara Gómez através de uma foto que me deixou hipnotizada.

Ela do alto dos seus 30 e poucos anos, preta e de cabelo *black power*, atrás de uma câmera. Ela era a diretora. Ela escrevia os próprios filmes. E ela se parecia comigo.

Mergulhei fundo na história de vida dela. Viajei a Cuba, vi seus filmes, conheci sua família. Sara me trouxe a consciência de que sou e sempre fui feminista. Foi uma cineasta à frente do seu tempo. Engajada, humanista e ativista incansável. Uma mulher que peitou o machismo do audiovisual cubano e que levava seus filhos para o Set de filmagem, porque sim, ela poderia ser diretora de cinema e mãe. E não iria abrir mão disso. Uma força da natureza que foi embora cedo demais, aos 32 anos, e sua história, como de tantas outras mulheres negras, foi silenciada, invisibilizada. Fazer um filme sobre ela se tornou mais do que um compromisso assumido comigo mesma, tornou-se um objetivo de vida.

Todo esse relato foi para responder a pergunta que dá nome ao texto, e que me foi feita tempos atrás por uma pesquisadora: por que cinema?

O cinema moldou e libertou minha imaginação, me acolheu num cenário de vida difícil, sempre me levando além das fronteiras do que era permitido. Foi o cinema que me formou enquanto pessoa. Me trouxe criticidade acerca do meu mundo e do que eu esperava dele – o que ele era e como poderia ou deveria ser. O cinema me permitiu sonhar. O que não era possível na vida real, eu vivia através do cinema. O cinema me trouxe alento, beleza e inspiração.

Nenhuma outra linguagem me emociona tanto. Me completa tanto. Por tudo isso, o cinema é minha religião, minha escolha. Não consigo lembrar da minha vida sem o amor pelo cinema. Não consigo pensar numa existência possível sem meu amor pelo cinema. ■

* **JOELMA OLIVEIRA GONZAGA** É SECRETÁRIA DO AUDIOVISUAL DO MINISTÉRIO DA CULTURA (2023). ELA É DE SALVADOR (BA) E HÁ MAIS DE UMA DÉCADA CONSTRÓI UMA SÓLIDA CARREIRA COMO PRODUTORA EXECUTIVA E CRIATIVA, COM FILMES PREMIADOS E EXIBIDOS NOS PRINCIPAIS FESTIVAIS DO MUNDO — COMO CANNES, LOCARNO E FESTIVAL DO RIO. ESTEVE À FRENTE DE IMPORTANTES PRODUÇÕES NACIONAIS, COMO *AMARELO – É TUDO PRA ONTEM*, *BREVES MIRAGENS DE SOL*, *DOUTOR GAMA*, *O ENIGMA DA ENERGIA ESCURA* E O LONGA-METRAGEM FICCIONAL *REGRA 34*. É MEMBRA DO CONSELHO FUNDADOR DA UNIÃO NACIONAL DE PRODUTORES EXECUTIVOS. E ATUOU, AINDA, EM INICIATIVAS DE FORMAÇÃO COMO O PROGRAMA NICHU EXECUTIVA, VOLTADO À FORMAÇÃO DE PRODUTORAS-EXECUTIVAS NEGRAS PARA O AUDIOVISUAL.